

ESTRUTURA RETÓRICA DA NARRATIVA NAS MODALIDADES DE LÍNGUA ORAL E ESCRITA

Juliano Desiderato Antonio *

RESUMO: Além do conteúdo proposicional veiculado explicitamente pelas orações de um texto, há proposições implícitas que surgem das relações estabelecidas entre as partes do texto. Essas proposições são chamadas proposições relacionais e não precisam de marcas formais para serem reconhecidas. Elas são parte da estrutura do texto e surgem no processo de interpretação, conferindo unidade ao texto. Neste artigo, investiga-se a relação entre proposições relacionais e algumas partes da estrutura da narrativa, proposta por Labov e Waletzky, em um corpus formado por 30 narrativas orais e 30 narrativas escritas do português, produzidas por informantes de diferentes níveis de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: estrutura retórica do texto; proposições relacionais; estrutura da narrativa.

Introdução

Além do conteúdo proposicional veiculado explicitamente pelas orações de um texto, há proposições implícitas que surgem das relações estabelecidas entre porções de texto. São as chamadas “proposições relacionais” (Mann e Thompson, 1983, p. 1-3).

* Universidade Estadual de Maringá – UEM.



Este trabalho tem como objetivo principal analisar como essas proposições relacionais se combinam para conferir um modelo de estrutura organizacional a narrativas. Também pretende-se verificar a equivalência entre esse modelo de estrutura retórica e as partes da narrativa de Labov e Waletzky (1967). Além disso, pretende-se contribuir para uma melhor caracterização das modalidades de língua oral e escrita, uma vez que serão analisadas tanto narrativas orais quanto narrativas escritas.

O *corpus* da pesquisa é constituído por 60 narrativas, sendo 30 orais e 30 escritas. Essas narrativas foram produzidas por três grupos de dez informantes cada, pertencentes a diferentes níveis de ensino, a saber, Ensino Superior, Ensino Médio e Ensino Fundamental.

Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam linguisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do enredo.

O vídeo escolhido foi "O pavão misterioso", que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme se inicia com a chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se em um hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, que foi gravada em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

1. Considerações teóricas

1.1 Modalidades de língua oral e escrita

Desde que se começou a estudar a linguagem, três posturas distintas já foram adotadas a respeito da relação entre língua oral e língua escrita (CHAFE, 1994). Primeiramente, na tradição gramatical iniciada pelos gregos e pelos romanos, a escrita gozava de maior prestígio do que a fala. Com o nascimento da Lingüística, a ênfase dada ao estudo de línguas que ainda não tinham uma tradição escrita elevou a fala a uma posição de prestígio. Essa modalidade foi considerada o verdadeiro objeto de estudo dos lingüistas e a escrita era concebida apenas como uma representação da fala. Nas últimas décadas passou a ser difundida uma concepção mais equilibrada da relação entre fala e escrita. De acordo com essa concepção, as duas modalidades são realizações diferentes da linguagem, com funções diferentes.

Um equívoco cometido por muitas pesquisas que tratam da relação entre a fala e a escrita é conceber as duas modalidades como antagônicas. A visão de Ochs (1979) sobre o planejamento do discurso mostra que a fala e a escrita podem, na verdade, representar um contínuo. A autora fala de quatro níveis de planejamento: discurso falado não planejado, discurso falado planejado, discurso escrito não planejado e discurso escrito planejado. Assim, um bilhete escrito às pressas pode ter muito mais semelhança com uma narração informal de uma história a um amigo do que com um editorial de jornal, por exemplo. Esse mesmo editorial, por sua vez, também pode apresentar muito mais semelhanças com um discurso elaborado feito a uma platéia do que com o tal bilhete escrito às pressas. Marcuschi (2000, p. 28) também critica essa visão dicotômica da relação entre fala e escrita que, segundo ele, “postula para a fala uma menor complexidade e uma maior complexidade para a escrita”.

Outro equívoco cometido por muitos pesquisadores a respeito da relação fala/escrita é, segundo Tannen (1982), analisar textos de tipos diferentes e atribuir as diferenças encontradas à modalidade de língua. Escolhe-se um texto oral de um determinado tipo e um texto escrito de um tipo diferente. Para Tannen, muitas das diferenças que surgem, nesse caso, são originadas pelas diferenças nos tipos de texto. Neste trabalho, para evitar esse problema, são utilizados textos de um mesmo tipo, mas nas modalidades oral e escrita (veja item 2.1).

Como aponta Neves (1996), a modalidade oral e a modalidade escrita utilizam um mesmo sistema, mas diferem no que diz respeito aos métodos de produção, transmissão, recepção e de estruturas de organização. Essas diferenças, que produzem diferenças lingüísticas na fala e na escrita, serão examinadas nos itens a seguir.

1.1.1 Métodos de produção, transmissão e recepção

Não se considera, neste trabalho, que a fala e a escrita estão opostas dicotomicamente. No entanto, não pode ser negligenciado o fato de que falar e escrever são atos diferentes, podendo, em consequência disso, surgir diferenças lingüísticas nos textos produzidos em cada uma dessas modalidades (CHAFE, 1994). Por depender dos sons, a fala dificulta o controle contínuo do falante sobre os enunciados já produzidos. Já a escrita, valendo-se do recurso da visão, tem a possibilidade do registro gráfico, o que facilita esse controle. Além disso, a escrita é realizada globalmente, permitindo que marcas do processo de elaboração do texto sejam "editadas", ao passo que a realização seqüencial da fala deixa no texto as marcas do processo de produção (CHAFE, 1985).

Por outro lado, por ser geralmente produzida em circunstâncias diferentes da situação da recepção, a escrita não tem a possibilidade da alternância de turnos, que é característica da conversação. Além

disso, a língua oral tem maior ancoragem no contexto situacional em que é produzida, ao passo que a escrita é mais independente¹.

Halliday (1989) também aponta uma importante diferença entre a fala e a escrita no que diz respeito aos métodos de produção, transmissão e recepção. Para ele, a escrita não consegue traduzir por meio de suas marcas (no caso, os sinais de pontuação) a riqueza do potencial expressivo da fala, deixando de lado contribuições prosódicas e paralingüísticas. Em contrapartida, a fala não tem marcas para indicar os limites de uma frase ou de um parágrafo, nem o início ou o fim de uma citação.

1.1.2 Estruturas de organização

Para Chafe, a fala espontânea é produzida numa série de breves jorros, chamados unidades de idéia (1980, 1985) ou unidades de entoação (a partir de 1987), que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência. Esse fluxo descontínuo é conseqüência, segundo ele, das limitações da consciência. A definição apresentada por Chafe de unidade de entoação baseia-se na conjunção desses critérios: “conjunto de palavras combinadas sob um único e coerente contorno entonacional caracterizado por um ou mais picos entonacionais e uma cadência típica de final de oração ou de final de sentença, geralmente precedidas por uma pausa” (CHAFE, 1988, p. 1).

Como o conceito de unidade de entoação se baseia em características da língua oral, como entoação, contorno e pausa, poder-se-ia imaginar que na língua escrita não haveria uma estrutura semelhante. No entanto, Chafe (1985) afirma que a maior parte dos

¹ Atualmente, como lembra Hilgert (2000), os novos recursos tecnológicos têm possibilitado o surgimento de textos “mistos”, com características de ambas as modalidades. Trata-se dos bate-papos pela Internet que, mesmo sendo produzidos *on-line* e por escrito, permitem a alternância de turnos e uma maior ancoragem no contexto situacional do que outros tipos de texto escritos.

textos escritos apresenta segmentos semelhantes às unidades de entoação. Intuitivamente, quem escreve procura organizar seus enunciados de acordo com os limites das unidades de entoação. Em outras palavras, o escritor tenta implantar em seu texto os padrões entonacionais que fixam os limites das unidades de entoação. Chafe (1985) aponta razões para essa semelhança. Historicamente, a fala tem primazia sobre a escrita, no que diz respeito ao uso. Por muito tempo, a escrita foi privilégio de poucos, e, mesmo nos dias atuais, em que grande parte da população é alfabetizada, as pessoas passam mais tempo falando do que escrevendo. Assim, é natural que as unidades da fala sejam transpostas para a escrita de forma intuitiva. Isso acaba permitindo que a leitura seja feita com facilidade, uma vez que as informações são apresentadas de forma semelhante à maneira como são apresentadas na fala.

Chafe (1985) também se refere às unidades de entoação como *unidades de idéia*, uma vez que elas expressam a quantidade de informação que uma pessoa pode focalizar de uma única vez. Chafe verificou em suas pesquisas (1985; 1992; 1994) que as unidades de idéia tendem a ser mais longas e mais complexas na escrita do que na fala, pois quem escreve tem mais tempo e mais recursos do que quem fala para “empacotar” mais informação em uma unidade de idéia. Da mesma forma, quem lê tem mais tempo e mais recursos do que quem escuta para “escanear” mais informação na unidade de idéia.

Halliday (1989) apresenta uma outra diferença importante: a maior densidade lexical da escrita e a maior complexidade gramatical da fala. Para ele, a escrita geralmente é analisada em seu produto final e acaba representando os fenômenos também como produtos. Assim, na escrita a experiência é interpretada como ações e eventos, de forma que, para nomear essas ações e esses eventos, e quem os realiza, são necessários nomes. A densidade lexical da escrita é essa maior frequência, na escrita, de itens lexicais do que de itens

gramaticais. Por outro lado, a fala representa os fenômenos como processos que estão sendo realizados por alguém ou que estão acontecendo. Para isso, é necessário mais do que um verbo. Precisa-se de uma oração com os elementos que acompanham o verbo, tais como os participantes, a modalidade, etc. Além disso, um mesmo conteúdo expresso por uma oração nominalizada pode precisar de duas ou três orações não-nominalizadas. Isso caracteriza, para Halliday (1989), a maior complexidade gramatical da fala. Ou seja, como os processos ocorrem em uma seqüência, a fala exige uma maior quantidade de orações.

1.2 Teoria da Estrutura Retórica do Texto

Os principais pesquisadores envolvidos com a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (Christian Matthiessen, Sandra Thompson, William Mann) pertencem a um grupo funcionalista norte-americano, em que estão lingüistas de renome como Charles Li, John Haiman, Paul Hopper, Scott DeLancey, Talmy Givón, Wallace Chafe, dentre outros. Em geral, as pesquisas desse grupo têm como campo de estudo a relação entre gramática e discurso, lançando mão de um olhar pragmático sobre o funcionamento das línguas. Podem ser citadas como exemplo as publicações conjuntas desses autores: *Discourse and Syntax* (GIVÓN, 1979), *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics* (HOPPER, 1982), *Clause Combining in Grammar and Discourse* (HAIMAN & THOMPSON, 1988).

A Teoria da Estrutura Retórica dos Textos é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN & THOMPSON, 1983; MANN & THOMPSON, 1985; MANN & THOMPSON, 1987a; MANN & THOMPSON, 1987b; MANN & THOMPSON, 1988; MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988; MANN, MATTHIESSEN & THOMPSON, 1992).

De acordo com essa teoria, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto.

Para Mann e Thompson (1983), o fenômeno das proposições relacionais é *combinacional*, definido no âmbito textual, ou seja, as proposições relacionais são resultantes da combinação de partes do texto. Essas combinações podem ser estabelecidas tanto entre orações, como entre porções maiores de texto. Uma outra observação importante diz respeito à natureza das relações. Quando duas porções de texto se relacionam, além do conteúdo proposicional expresso por cada uma das porções há também um *conteúdo implícito*, a proposição relacional.

Outros traços importantes das proposições relacionais levantados por esses autores são os seguintes:

- (i) as proposições relacionais são básicas: outros tipos de inferências podem ser derivados das proposições relacionais, mas estas não são derivadas de outros tipos de inferência;
- (ii) as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos lingüísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas;
- (iii) as proposições relacionais não estão limitadas a aspectos organizacionais do texto, mas são essenciais para o estabelecimento da coerência: elas são fundamentais para o funcionamento do texto, pois exibem relações estabelecidas na temática do texto.

Os pressupostos teóricos nos quais a Teoria da Estrutura Retórica se baseia são os seguintes:

- (i) os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si de várias formas;

- (ii) as relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatório, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos;
- (iii) a maioria das relações que se estabelecem são do tipo *núcleo-satélite*, em que uma parte do texto serve de subsídio para outra.

A Teoria da Estrutura Retórica tem quatro tipos de mecanismos², a saber, *relações, esquemas, aplicações dos esquemas e estruturas*.

As relações definem as condições que ligam duas porções de texto³. A definição de uma relação é feita com base em quatro condições: a) restrições sobre o núcleo; b) restrições sobre o satélite; c) restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite; d) efeito. Tome-se como exemplo a definição da relação *evidência*, apresentada no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Definição da relação evidência

nome da relação	Evidência
restrições sobre o núcleo	o enunciatório poderia não acreditar no conteúdo do núcleo em um grau satisfatório ao enunciador
restrições sobre o satélite	o enunciatório irá acreditar no conteúdo do núcleo ou irá considerá-lo digno de crédito
restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite	a compreensão do conteúdo do satélite, por parte do enunciatório, aumenta sua confiança no conteúdo do núcleo
efeito	aumenta a confiança do enunciatório no conteúdo do núcleo
loco do efeito	núcleo

² Aqui, o termo *mecanismo* é empregado no sentido de "processo de funcionamento", e não para designar a categoria da taxonomia de Halliday (1985) na qual se encontra o encaixamento.

³ Entende-se, por *porção de texto* ("*text span*", no original), um intervalo linear do texto ininterrupto (MANN & THOMPSON, 1987a).

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1987a), após a análise de centenas de textos, por meio da Teoria da Estrutura Retórica. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos.

As funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos: a) funções que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão; b) funções que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo. A seguir, é apresentada a divisão das relações, por grupo:

- Assunto: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, senão, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, seqüência, contraste;

- Apresentação: motivação, antítese, *background*, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

Com base na organização, as relações podem ser divididas em dois tipos:

- Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1, no qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo;

- Relações multinucleares: uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2.

Figura 1 - Esquema de relação núcleo-satélite

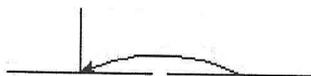
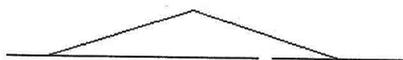


Figura 2 - Esquema de relação multinuclear



Os esquemas são padrões pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou todo um texto. Na figura 3, podem ser observados os quatro tipos de esquemas possíveis na Teoria da Estrutura Retórica.

Figura 3 - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica



As curvas representam as relações estabelecidas, as linhas horizontais representam as porções de texto e as linhas verticais representam os núcleos. A maioria das relações tem apenas um núcleo, e o esquema será como o esquema de elaboração. Algumas relações têm mais de um núcleo, como a de contraste (dois núcleos), lista (vários) e seqüência (vários).

Em sua aplicação a um texto, os esquemas não precisam seguir exatamente os padrões pré-estabelecidos, podendo haver algumas variações, seguindo-se as seguintes convenções:

- (i) a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa;
- (ii) em esquemas multi-relacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

A estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Segundo Mann e Thompson (1987a, 1987b), a estrutura retórica é

funcional, pois leva em conta como o texto produz um efeito sobre o enunciatário, ou seja, toma como base as funções que as porções do texto assumem para que o texto atinja o objetivo global para o qual foi produzido.

2. Análise

2.1 Relações encontradas no *corpus*

2.1.1 Relações multinucleares

As relações multinucleares são as que ocorrem com maior frequência no *corpus*, como pode ser observado no quadro 2.

Quadro 2 – Frequência de ocorrência das relações multinucleares e diferença oral/escrita

		Relações multinucleares		Diferença oral/escrita	
		N/total de relações	%	N	%
Ensino Superior	oral	606/762	79,52%	185	5,92%
	escrita	421/572	73,60%		
Ensino Médio	oral	502/634	79,17%	109	4,88%
	escrita	393/529	74,29%		
Ensino Fundamental	oral	515/692	74,42%	163	1,4%
	escrita	352/482	73,02%		

Observa-se também, pelo quadro, que, na modalidade oral, a frequência de ocorrência das relações multinucleares é mais alta do que na modalidade escrita. Isso se deve ao fato de os processos de falar e de escrever serem diferentes. Na escrita, dispõe-se de mais tempo do que na fala para o “empacotamento” da informação (CHAFE, 1985; 1992) - ver item 1.1.2). Além disso, o falante nunca perde de vista que seu texto tem de chegar a uma interpretação que seja a mais próxima possível da intenção que governou a produção, e ele sabe que as condições de interpretação são diferentes nas duas modalidades de língua: o trabalho de recriação do texto escrito

permite uma visão global e controlada, ao passo que o trabalho de recriação de um texto oral é feito simultaneamente com a recepção. Dessa forma, pela própria consideração do modelo de interação verbal (DIK, 1989) pode-se compreender que, na modalidade oral, ficam favorecidas as relações multinucleares, as que se estabelecem em um mesmo nível, ou seja, de forma menos complexa do que as relações núcleo-satélite, cujos elementos estabelecem hierarquias. Tome-se como exemplo a comparação dos diagramas das figuras a seguir. O primeiro, encontrado na narrativa EF5 oral⁴, representa uma relação multinuclear, na qual os elementos são núcleos e, portanto, encontram-se em um mesmo nível. O segundo exemplo, encontrado na narrativa ES6 escrita, representa relações núcleo-satélite, nas quais os elementos estabelecem uma hierarquia.

Figura 4 – Relação multinuclear – elementos em um mesmo nível

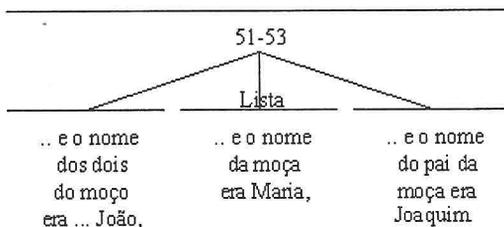
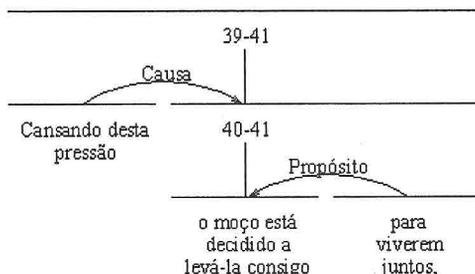


Figura 5 – Relação núcleo-satélite – hierarquia de elementos



⁴ Por questão de economia, foram empregadas as abreviaturas EF, EM e ES para Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior, respectivamente.

Uma outra consideração importante que pode ser feita a partir da observação do quadro 2 diz respeito à diferenciação entre fala e escrita conforme os grupos de informantes. Nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Fundamental, a diferença fala/escrita na frequência de ocorrência das relações multinucleares é de 1,4%; nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Médio, a diferença é de 4,88%, e, nas narrativas produzidas pelos informantes do Ensino Superior, a diferença é de 5,92%. Conforme aumenta o grau de escolaridade, aumentam também as diferenças entre fala e escrita. Embora essa questão mereça melhor exame, pode-se supor que o aumento da escolaridade e, conseqüentemente, o aumento da exposição à língua escrita na escola, leva os alunos a produzir textos cada vez mais baseados no modelo de escrita apresentado na escola, produzindo-se, dessa forma, um maior distanciamento entre fala e escrita.

2.1.2 Relações núcleo-satélite

As relações do tipo núcleo-satélite são divididas em dois grupos, de acordo com suas funções globais no texto (ver 1.2): as que dizem respeito ao assunto e têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão, e as que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário para agir de acordo com a proposição do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar o conteúdo do núcleo.

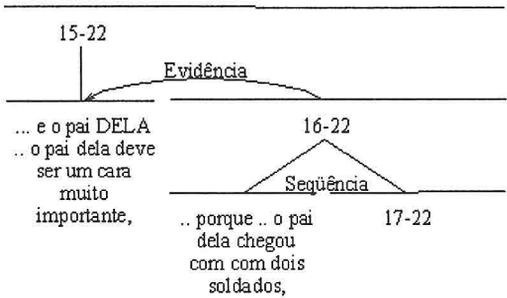
No quadro 3, pode-se observar a frequência de ocorrência das relações núcleo-satélite, divididas de acordo com suas funções globais.

Quadro 3 – Freqüência de ocorrência das relações núcleo-satélite, divididas de acordo com suas funções globais

		assunto		apresentação da relação	
		N/total de relações	%	N/total de relações	%
Ensino Superior	oral	143/762	18,76%	13/762	1,7%
	escrita	140/572	24,47%	11/572	1,92%
Ensino Médio	oral	118/634	18,61%	14/634	2,2%
	escrita	120/529	22,68%	10/529	1,89%
Ensino Fundamental	oral	163/692	23,55%	14/692	2,02%
	escrita	118/482	24,48%	12/482	2,48%

As relações que dizem respeito à apresentação da relação são as que apresentam freqüência mais baixa, de 1,7% a 2,48%. Uma vez que o *corpus* é constituído de narrativas, tal resultado é presumível. É nossa hipótese que esse tipo de relação, que tem por função levar o ouvinte/leitor a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, é mais comum em outros tipos de texto, como os textos argumentativos, os textos expositivos, os textos técnicos, etc. Tome-se como exemplo a figura 6, encontrada na narrativa EM3 oral. O objetivo da relação de evidência em questão é levar o ouvinte/leitor a acreditar no conteúdo do núcleo, por meio da apresentação do conteúdo do satélite.

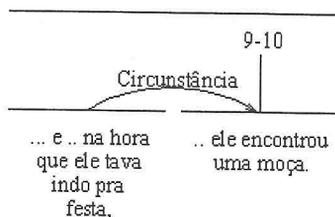
Figura 6 – Relação de evidência – leva o ouvinte/leitor a acreditar no conteúdo do núcleo



As relações núcleo-satélite encontradas no *corpus* que dizem respeito à apresentação da relação são as seguintes: *background*, concessão, evidência, justificativa.

Por outro lado, as relações que dizem respeito ao assunto são típicas da narrativa, tipo de texto em que o produtor prende a atenção de seu interlocutor pelo enredo da história, ou seja, pelo assunto. Essa hipótese parece confirmada pelo fato de que essas relações, no *corpus* desta pesquisa, têm frequência mais alta: de 18,61% a 24,48%. Tome-se como exemplo a relação de circunstância exemplificada na figura 7, encontrada na mesma narrativa EM3 oral. O produtor do texto não tem por objetivo levar o ouvinte/leitor a concordar com o conteúdo do núcleo; seu objetivo é que seu interlocutor apenas reconheça a relação em questão.

Figura 7 - Relação de circunstância - reconhecimento da relação

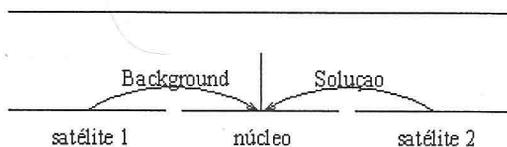


No *corpus*, as relações núcleo-satélite que dizem respeito ao assunto são as seguintes: avaliação, causa, circunstância, elaboração, meio, modo, propósito, resultado, resumo e solução.

2.2 A estrutura retórica das narrativas do *corpus*

Em todas as narrativas do *corpus*, o primeiro nível da estrutura retórica se apresenta em forma de uma divisão tripartida, como pode ser observado na figura 8.

Figura 8 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos do *corpus*



A definição da porção de texto considerada o núcleo da narrativa é feita com base no conceito de nuclearidade, tomado como princípio organizador central da estrutura do texto (MANN & THOMPSON, 1987; 1988). A porção escolhida como núcleo, na análise, é aquela que é mais central para os propósitos do produtor do texto. O julgamento que determina, em um par, qual porção de texto é núcleo e qual é satélite é feito com base em dois critérios, o da assimetria e o da independência.

Para ilustração do critério da assimetria, tome-se como exemplo a figura 8. As relações são assimétricas, ou seja, a primeira porção de texto serve de *background* para a segunda, ao passo que esta nunca serve de *background* para a primeira. A terceira porção de texto serve de solução para a segunda, ao passo que esta nunca serve de solução para a terceira.

No que diz respeito ao critério da independência, pode-se dizer que uma porção do par (o núcleo) é independente da outra (o satélite), não sendo a recíproca verdadeira, ou seja, o satélite não é independente do núcleo. Nas narrativas do *corpus*, o núcleo foi determinado com base na teoria das partes da narrativa de Labov e Waltezky (1967), segundo a qual a complicação é considerada a parte central da narrativa, compreendendo os eventos que tornam intrincadas as ações. No vídeo utilizado para eliciar as narrativas, essas ações têm início quando o rapaz e a moça se encontram, sendo, logo em seguida, separados pelo pai dela, que a prende no quarto. Fazem parte da complicação, também, a entrada do rapaz no quarto da moça, a chegada do pai ao quarto, que resulta na briga do pai com o rapaz, e a fuga do rapaz, que quase é capturado pelos guardas. As duas outras grandes porções de texto das narrativas (*background*

e solução), exemplificadas na figura 8, são, assim, dependentes dessa porção central, já que têm a função de introduzir, respectivamente, o pano de fundo e a solução dos eventos que complicam a narrativa.

A relação de *background* corresponde à orientação, parte da narrativa que, segundo Labov e Waletzky, fornece informações sobre o pano de fundo da narrativa, ou seja, sobre quem são os personagens, sobre onde e quando ocorrem os eventos, etc. No vídeo do Pavão Misterioso, fazem parte do satélite de *background* a chegada do rapaz à cidade, a compra de um jornal, a passagem de um cortejo fúnebre, o passeio do rapaz pela cidade, sua ida ao hotel e sua ida à festa que está acontecendo na cidade. A apresentação desses elementos permite ao leitor/ouvinte da narrativa compreender melhor a parte central da narrativa.

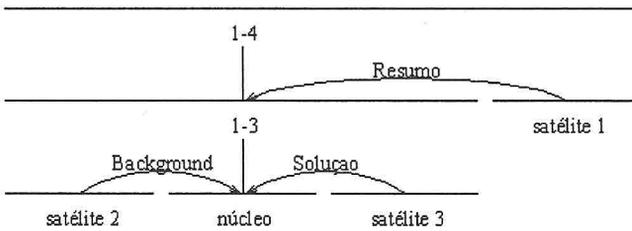
A relação de solução também encontra uma parte correspondente nas divisões da narrativa de Labov e Waletzky. Trata-se da resolução, parte que fornece a solução para os eventos que complicam a ação. Os eventos apresentados pelo satélite de solução, no vídeo do Pavão Misterioso, compreendem a ida do rapaz a uma oficina, onde projeta e constrói, juntamente com o mecânico dessa oficina, uma aeronave na forma de um pavão. Em seguida, o rapaz vai à casa da moça, desce a aeronave sobre o telhado da casa, desce pelo forro por uma corda e sobe novamente para o telhado levando sua amada consigo. Eles fogem, então, voando no pavão misterioso, acenando para os habitantes da cidade, que saem às ruas para acenar para o casal. O pai da moça fica furioso. Esses eventos são a solução para o problema apresentado na complicação (núcleo), ou seja, o casal se encontra, apaixonam-se, mas é separado pelo pai da moça.

Algumas narrativas do *corpus* apresentam, ainda, um outro satélite no primeiro nível da estrutura retórica. Esse satélite estabelece uma relação de resumo com todo o resto da história. Nas divisões da narrativa por Labov e Waletzky, há também uma parte chamada *resumo*, definida como uma síntese do evento que será

relatado, e que tem a função de criar expectativas no ouvinte a respeito do que vai ser dito. A diferença reside no fato de que, nas narrativas pessoais estudadas por Labov e Waletzky, o resumo aparece no início do texto, ao passo que, nas narrativas do *corpus* desta pesquisa, a relação de resumo aparece como última unidade do texto, retomando tudo o que foi dito anteriormente, e finalizando a narrativa. Essa configuração da estrutura retórica com a relação de resumo no primeiro nível é encontrada em apenas 3 das 60 narrativas do *corpus*.

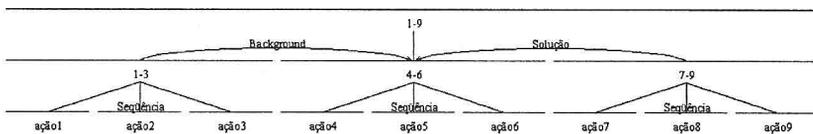
Observe-se, na figura 9, o diagrama do primeiro nível da estrutura retórica das narrativas em que ocorre a relação de resumo.

Figura 9 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos em que ocorre a relação de resumo



O segundo nível da estrutura retórica também apresenta uma configuração recorrente em todas as narrativas. As porções de texto que formam os satélites de *background* e de *solução* bem como a porção central de texto da narrativa subdividem-se em seqüências de ações, estabelecendo-se relações multinucleares de seqüência, como no exemplo da figura 10.

Figura 10 – Modelo do segundo nível da estrutura retórica das narrativas do *corpus*



Algumas narrativas apresentam variações desse modelo, principalmente no satélite de *background*. Nas narrativas ES3 oral e EF4 escrita, a subdivisão desse satélite é estabelecida pela relação de lista, ou seja, o produtor do texto preferiu não relacionar os eventos de forma a se sucederem temporalmente.

Na narrativa EF4 oral, a porção de texto que forma o satélite de *background* tem apenas duas unidades que apresentam, sucintamente, o protagonista da história. Por outro lado, nas narrativas EM9 oral e EM9 escrita, a primeira unidade da porção de texto que forma o satélite de *background* informa que a história se passa em um dia especial em Salvador, o dia de São João. Essa unidade remete cataforicamente à seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível da estrutura retórica. Essa seqüência de ações apresenta, então, todos os eventos que ocorrem nesse dia, iniciando-se pela chegada do marinheiro à cidade. Estabelece-se, assim, uma relação de elaboração entre a unidade 1, que está no segundo nível da estrutura retórica, e a seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível, mas que, por funcionar como satélite, acaba aparecendo no terceiro nível. O mesmo ocorre na narrativa EF1 oral, em que a primeira unidade “A história começa assim” remete cataforicamente a toda a seqüência de ações que deveria estar nesse segundo nível.

Na narrativa EF5 escrita, ao contrário das outras, a variação aparece no satélite de solução, com a relação de justificativa. A seqüência de ações que deveria estar no segundo nível justifica, na última unidade dessa porção de texto, por que a aeronave se chama “pavão misterioso”.

A partir do terceiro nível, a estrutura retórica das narrativas do *corpus* passa a assumir configurações diferentes. Em algumas, o terceiro nível subdivide-se em nova seqüência de ações. Em outras, as ações do segundo nível são colocadas em contraste ou modificadas por relações do tipo núcleo-satélite que, por sua vez, também podem subdividir-se em novas seqüências de ações, modificadas novamente

ou colocadas em contraste. Esses tipos de configuração vão-se alternando nas narrativas até o último nível (há narrativas que terminam no quarto nível e narrativas que terminam no nono nível).

Considerações finais

Todas as narrativas do *corpus* apresentam a mesma estrutura retórica. No primeiro nível da estrutura retórica, delimita-se uma porção central que corresponde à complicação da narrativa e estabelecem-se duas relações: uma de *background*, com a porção de texto que funciona como pano de fundo para a complicação, e uma de solução, que mostra como se resolve a complicação das ações da porção central. No segundo nível, essas três grandes porções de texto subdividem-se em seqüências de ações que, a partir do nível seguinte, podem subdividir-se em novas seqüências, colocadas em contraste ou modificadas por relações do tipo núcleo-satélite.

As relações multinucleares são as que apresentam freqüência de ocorrência mais alta, o que era presumível em um *corpus* constituído de narrativas, uma vez que, nesse tipo de texto, prevalecem seqüências de ações. Dentre as relações núcleo-satélite, aquelas que dizem respeito à apresentação da relação são as que têm freqüência mais baixa. De fato, elas têm por função levar o ouvinte/leitor a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, o que é mais comum em outros tipos de texto. As relações núcleo-satélite que dizem respeito ao assunto têm freqüência mais alta do que as que dizem respeito à apresentação da relação, o que se explica pelo fato de que, em narrativas, é de esperar que o enredo, o assunto, seja objeto de maior atenção dos interlocutores.

Algumas diferenças também podem ser observadas nas narrativas do *corpus*, tanto no que diz respeito às diferenças entre as modalidades de língua oral e escrita, quanto no que diz respeito aos diferentes grupos de informantes.

Parte-se dos pressupostos de que (i) na fala, dispõe-se de menor tempo e de menos recursos para se “empacotar” a informação (CHAFE, 1985; 1992), sendo o tempo para planejamento do texto menor do que na escrita e (ii) as relações multinucleares, por serem estabelecidas a partir de elementos que estão em um mesmo nível, formam estruturas menos complexas, uma vez que não há nelas hierarquia entre os elementos. Por esses pressupostos, pode-se afirmar que nas narrativas escritas há uma maior frequência de estruturas mais complexas (hierárquicas, do tipo núcleo-satélite) do que nas narrativas orais. Pode ser citado, como evidência favorável a essa afirmação, o fato de, nas narrativas orais, a frequência de ocorrência de relações multinucleares ser mais alta do que nas narrativas escritas.

No que diz respeito aos grupos de informantes, observa-se uma maior diferenciação entre fala e escrita quanto mais alto o grau de escolaridade. É o que se pode apreender do quadro 2. A diferença na frequência de ocorrência das relações multinucleares entre as narrativas orais e as narrativas escritas é maior no grupo dos informantes do Ensino Superior do que no grupo dos informantes do Ensino Fundamental.

ABSTRACT: *Besides the propositional content conveyed by the clauses of a text, there are implicit propositions which arise from the relations established between text portions. These propositions are called relational propositions and don't need formal marks to be recognized. They are part of text structure and arise during the process of interpretation, giving unity to the text. This paper investigates the relation between relational propositions and some parts of Labov and Waletzky's narrative structure in a corpus formed by 30 oral narratives and 30 written narratives in Brazilian Portuguese, produced by subjects of different educational levels.*

KEY WORDS: *rhetorical structure; relational propositions; narrative structure.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAFE, W. (1980) *The Pear Stories*. Norwood: Ablex.
- _____. (1985) Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: Olson, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 105-123.
- _____. (1987) Cognitive Constraints on Information Flow. In: Tomlin, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 21-51.
- _____. (1988) Linking Intonation Units in Spoken English. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 1-27.
- _____. (1992) The flow of ideas in a sample of written language. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse Description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 267-294.
- _____. (1994) *Discourse, Consciousness and Time*. The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press.
- DIK, C.S. (1989) *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris.
- GIVÓN, T. (ed.) (1979) *Discourse and Syntax*. New York: Academic Press.
- HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (eds.) (1988) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins.
- HALLIDAY, M.A.K. (1985) *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold.
- _____. (1989) *Spoken and written language*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press.
- HILGERT, J.G. (2000) A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. In: Preti, D. (org.). *Estudos de língua falada*. S. Paulo: Humanitas, v. 4, p. 17-55.
- HOPPER, P. (ed.) (1982) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: J. Benjamins.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. (1967) Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: Helm, J. (ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, p. 12-44.

- MARCUSCHI, L.A. (2000) *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. S. Paulo: Cortez.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (1983) *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115.
- LABOV, W.; WALETZKY, J. (1967) Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, p. 12-44.
- MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (1983) *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115.
- _____. (1985) *Assertions from Discourse Structure*. ISI/RS-85-155.
- _____. (1987a) *Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts*. ISI/RS-87-185.
- _____. (1987b) *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190.
- _____. (1988) *Rhetorical Structure Theory: Toward a functional theory of text organization*. *Text*, v. 8, n. 3, p. 243-281.
- MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S.A. (1992) Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 39-77.
- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. (1988) The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, p. 275-329.
- NEVES, M.H.M. (1996) Reflexões sobre a investigação gramatical: projeto GPF - grupo Sintaxe I. *Atas do 1º Congresso Internacional da ABRALIN, ABRALIN - FINEP - UFBA, Salvador*, p. 421-427.
- OCHS, E. (1979) Planned and unplanned discourse. In: Givón, T. (ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, p. 51-80.
- TANNEN, D. (1982) *Spoken and written language: exploring orality and literacy*. Norwood: Ablex.